

Segmento: PUCRS

10/06/2017 | Correio do Povo | Caderno de Sábado | 4

Desafios éticos em tempos gasoso

Professor da PUCRS reflete sobre questões da Ética no momento conturbado pela qual passa o mundo atual

Não obstante o fato de que bibliotecas inteiras têm sido escritas a respeito da Ética e das questões éticas ao longo dos séculos, a essência do problema é relativamente fácil de localizar e circunscrever. Trata-se do seguinte: quando nos referimos àquilo que, no fundo, nos leva a pensar e indagar sobre o conceito de “Ética” – a condição humana –, percebemos que a Ética não é um elemento qualquer no universo dos significantes e significados do mundo. Na verdade, a Ética é o fundamento da própria possibilidade de pensar o humano. E isso porque a própria ideia de pensar pressupõe a Ética. Não existe pensamento fora de alguém que pensa, e esse alguém não é um indivíduo fechado em si mesmo, mas sim, de algum modo, o fruto concreto das relações – sejam relações no âmbito de sua gênese biológica (ninguém nasce senão de seus pais), sejam relações em termos de sua geração social e histórica (ninguém existe fora de uma cultura e de uma língua que o acolhem, ou fora de estruturas materiais e culturais que o sustentam).

Ser humano é provir e viver na multiplicidade do humano, uma multiplicidade qualificada ou, exatamente, multiplicidade ética, do agir de uns com relação aos outros e dos sentidos que esse agir vai assumindo ao longo do tempo. E isso é muito fácil de verificar. Pois, para que a gestação biológica de nossa mãe tenha chegado a um bom termo e tenhamos nascidos saudáveis, é necessário que nem nossa mãe, nem todos os que a apoiaram, houvessem agido de forma má, pelo menos não a ponto de impedir nosso desenvolvimento. O mesmo se dá, também, em cada um dos momentos de nossa vida, não apenas daqueles por nós facilmente percebidos como decisivos ou muito importantes, mas igualmente naqueles, aparentemente coloquiais, que constituem propriamente o dia a dia de nossa vida, a teia dos momentos na qual vivemos em nossa cotidianidade. Em suma: em todos os momentos de nossa vida, define-se em cada situação a continuidade de nossa existência, não através de atos indiferentes, mas na especificidade única e não-neutra de cada ato. Um ato qualquer, um agir específico, pode tanto fazer viver como fazer morrer. Não há instante isolado, neutro ou indiferente para a vida; há apenas instantes que conspiram, ou para a continuação e promoção da vida, ou para sua corrosão e destruição.

Ética é, assim, em uma brevíssima descrição, o fundamento da condição humana que vive, age e reflete sobre si, sobre seu lugar, sobre sua casa, sobre seu mundo, a partir das relações desde sempre presentes e/ou a serem construídas entre os humanos uns com os outros e entre os humanos e o restante do mundo. E, assim sendo, Ética é o fundamento de todas as especificidades do viver, em suas mais complexas relações e derivações, das ciências e da tecnologia, da história das comunidades e da própria filosofia. Essa é a razão pela qual a Ética é o princípio do qual toda a atividade humana deve provir e ao qual deve igualmente se dirigir: a criação constante e a manutenção de relações saudáveis dos seres humanos entre si, dos humanos com relação à vida em geral e dos humanos com a totalidade do ambiente no qual vivem e com o qual interagem.

Isso posto, cumpre indagar com urgência: quais os desafios éticos que se propõem de forma incisiva em tempos como os nossos, a saber, tempos “gasosos”, nos quais a própria metáfora é autoexplicativa: tempos de afastamento entre constituintes, afrouxamento de relações, distanciamento de sentidos, esfacelamento de significados comunitários e societários e tantos outros signos de desagregação e mutação dispersiva que experimentamos quotidianamente. Um encaminhamento de resposta necessita passar, pelo menos, por dois breves momentos analíticos. Em primeiro lugar, temos que afastar a tentação sempre decorrente de confundirmos Ética com algum estilo de moralidade privada. Como sabemos, já desde a simples etimologia das palavras “ética” e “moral”, tais conceitos são inconfundíveis e imiscíveis; uma “moral” tem sua validade circunscrita em um determinado esquadro de espaço e tempo, enquanto “ética” é o fundamento da própria preservação e reprodução da vida ao longo de todos os tempos e espaços. Sempre que se tentou, ao longo da história, substituir a Ética por uma moralidade específica, o que se teve foi a hegemonia de determinados princípios particulares apresentados como universais, ou seja, uma lógica de violência que culmina em catástrofe para alguém, algum grupo, sociedade ou bioma. Em segundo lugar, é necessário compreender que o mal-estar e a depressão existencial que vivemos, global e localmente, é consequência lógica da famosa frase de Margareth Thatcher, quando disse que “não existe

sociedade, só indivíduos”, o que, aliás, sintetiza o pensamento de inúmeros filósofos pelo menos desde a modernidade e culmina na cosmovisão neoliberal, para os quais “indivíduos” contratantes ou em guerra contra todos seriam fortes o suficiente para sobreviverem em meio aos tumultos da luta pela sobrevivência no sentido simplista de um darwinismo mal compreendido, porém fácil de manobrar ideologicamente. Ora, quando até as ciências biológicas dão-se crescentemente conta da impossibilidade de isolamento causal e consequencial de “mônadas biológicas”, é evidente que a premissa acima colocada, a saber, da glorificação do indivíduo, não se sustenta, aparecendo como o que realmente é: uma transmutação ideológica de uma ideia à qual a realidade se opõe e que acaba sempre por se decompor por si só.

Assim, o primeiro passo para a compreensão dos desafios éticos que enfrentamos está sugerido: trata-se de levar a Ética realmente a sério como fundamento da vida. Ou ela é, como dissemos, a criação constante de relações saudáveis dos seres humanos entre si, dos humanos com relação à vida em geral e dos humanos com a totalidade do ambiente no qual vivem e com o qual interagem, incluindo aí toda forma de vida e toda produção cultural, ou ela é um capítulo a mais da história das ideias malogradas.

RICARDO TIMM DE SOUZA*

* Professor Titular da Escola de Humanidades da PUCRS.

10/06/2017 | Correio do Povo | Caderno de Sábado | 5

Moralidade em tempos líquidos

Professor universitário faz uma análise sobre algumas questões morais a partir de digressão histórica

Ignácio de Loyola Brandão usou a expressão “Não verás país nenhum” para, indiretamente, responder a Stefan Zweig, que falara do Brasil como o “país do futuro”. Talvez não seja o caso, haja exagero. Somos muitos a pensar que, na vida, só importam os negócios e negociatas. Nesse sentido, estão, por certo, abertas imensas possibilidades à nossa nação. Quem quer que se preocupe seriamente com moralidade pública e virtude cívica terá, contudo, motivos para dar razão ao romancista brasileiro: não há futuro promissor à vista.

Sabe-se pela história que a ética é um invento cuja prática varia, e o sentido é, em geral, visto de modo contraditório. As sociedades e os homens revelam distintas atitudes morais, às vezes capazes de marcar uma época. Lembra Kant, por exemplo, que a Revolução Francesa despertou entusiasmo entre os que, em seu tempo, sonhavam com o fim do despotismo. No Brasil, ocorreu de o escândalo da imoralidade pública, que inclui muito da miséria, da estupidez e da violência reinantes, há bom tempo ter se tornado motivo de luto permanente entre as pessoas possuidoras da respectiva consciência.

Capítulo à parte, a corrupção, via as revelações da chamada Lava Jato, ultrapassou a condição de costume tolerado para catapultar-se muito rápido a de agenda masoquista de todo um povo, teste de resistência psíquica da nossa capacidade de conviver com uma podridão política e empresarial cuja existência jamais foi motivo de dúvida por quem sabe alguma coisa a respeito do Brasil. Pois se é verdade que por via da operação e os correspondentes processos judiciais, uma vez mais, se está passando o país a limpo, como mecânica e infantilmente se repete, atravessa a consciência social e, portanto, a atmosfera midiática o sentimento de que, no final das contas, o processo não vai dar em nada.

Em resumo, poucos serão condenados; os que forem, o serão de modo anódino; e os que cumprirem pena não ficarão muito tempo encarcerados, para o alcance dos crimes que cometeram. Exceto a turma do andar de baixo, os figurões seguirão suas vidas em alto astral. E pode ser mesmo que ainda tenham chance de voltar aos postos e cargos com que se locupletaram. Perspectiva só se entrevê em meio a apocalipse de futuro distante, após federações político-criminosas, empregando a força armada, terem se apoderado da riqueza pública e destruído todas as instituições do país. Sente-se entre nós que, há muito, se dia de auge teve, a moralidade pública foi ultrapassada pela ganância privada e a corrupção político-governamental; não é líquida, nem gasosa - se encontra putrefata.

Nietzsche distinguiu entre moralidade dos costumes e moralidade dos valores. Para ele, a criação da civilização se baseia na primeira. Desenvolve-se com base no castigo e disciplina do corpo. A segunda é muito tardia, adquire relevância com o cristianismo e triunfa secularmente com a democracia. Caracteriza-se por fazer apelo ao bem, supostamente sabido e desejado por todos. A primeira nos ensinaria a obedecer, e isso a nós mesmos para começar. A segunda pretende que podemos educar nossa liberdade de acordo com valores superiores e um bem comum.

A modernidade, época desta segunda, é algo que, para o pensador, deve ser superado, na medida em que se revela história de gigantesco fracasso. O sentido que a definiria como época moral seria, em tese, altruísta. Acontece que, na prática, a modernidade liberou e promoveu o egoísmo rasteiro, movido pelo interesse pecuniário e hedonismo barato, incapaz de nos oferecer a criatividade artística e, muito menos, a nobreza de atitudes que o filósofo julgava necessárias para justificar a existência da humanidade.

Partir daí para pensar nossa moralidade seria perguntar se ela não é própria de nação que, ao contrário do percurso seguido alhures, ingressou no último registro citado, sem ter percorrido o processo que, lá, nem que fosse no passado, moralizou as gentes através do emprego no trabalho produtivo, do disciplinamento escolar em massa, e do conflito político mediado pela razão pública – antes de lhes entregar ao que alguns chamam de desordem moral pós-moderna.

A Europa teve de passar por século e meio de guerras religiosas para desenvolver o espírito de tolerância. A Alemanha e o Japão só baixaram a crista e puseram de lado seu complexo de superioridade após a catástrofe sofrida na II Guerra. No Brasil, vingou desde o início o espírito cordial e a prática do jeitinho. A vontade de poder encontrou pouca resistência, tomando conta sem exigir disciplina ou calcular punições. A atividade econômica passou a se pautar pela rapina. A paixão pelo estudo e a vontade de conhecimento jamais se desenvolveram. As lutas populares não encontraram ressonância em setores educados capazes de lhes dar direção emancipatória.

Resulta disso tudo que, hoje, não se vê avanço possível para o pouco que se conseguiu em termos de moralidade pública e consciência cívica, porque, estejamos certos, nenhuma solução advirá do discurso indignado contra a ladroeira discurso este que, entre nós, tantos tolos entendem como sinônimos de moralidade. A gritaria desesperada contra o político corrupto, que só excepcionalmente tem a ver com o sentimento de justa indignação, via de regra é a catarse grosseira que não leva a nada e, agora, mal encobre um exibicionista barato fetichizado pelo embalo das redes sociais.

Valeria a pena lembrar que o moralismo, quando escapa à hipocrisia, nasce da frustração e, sim, eventualmente se move pelo desejo de justiça – mas inevitavelmente se esgota em si mesmo. Em geral, fornece combustível ou serve à causa dos canalhas. Pregação moral ou doutrinação ética nenhuma tem o poder de alterar o costume enraizado no modo de vida e estimulado pelas instituições estabelecidas. Histeria é sinal de desejo impotente: o que nos faz falta não é vergonha na cara (“ética”, como se diz entre os bem-pensantes), mas um sistema que previna as ações indesejáveis e, sobretudo, castigue dura e impiedosamente os malfeitores.

Exceto ingênuos e despreparados creem piamente que a origem da corrupção reside na safadeza individual, e que a saída para o problema da corrupção está em trocar as pessoas, escolher a certa; ou, ainda, que sua solução começa em cada um de nós, visto que agindo bem e dando bom exemplo ficaremos livres desta chaga – ninguém avança em coisa alguma com simplorismos de campanha de publicidade. Semiletrados, afetivos e boçais, é enorme problema nosso que sigamos acreditando em pessoas, na figura mítica do bom chefe de família, que virá pôr ordem na casa, pilhada pelos parentes mais espertos que, perversamente, todavia nos servem de exemplo e, enquanto o patriarca providencial não chega, sempre estão prontos a nos dar acolhida e nos empregar em suas/nossas jogadas. Exasperante é que sejam muito raros e carentes de articulação os capazes de desenvolver mecanismos de controle público do estado transparentes e eficazes; de incentivar e premiar a educação transformadora do indivíduo massificado; de castigar objetiva e impiedosamente a delinquência destruidora da sociabilidade; de criar instituições capazes de prevenir a ação dos patifes e ajudar a promover o bem comum ao alcance de nossos meios materiais.

Por isso, a sensação que fica é a de que, no íntimo, curtimos a exposição midiática da podridão do mundo político, o acompanhamento masoquista de um espetáculo de mau gosto que, como festa pobre, terminará por ensejar cansaço, na medida em que, em meio ao vai e vem das notícias de delação e falcatruas, também deixa ver que a maior parte dos bandidos seguirá livre para desfrutar o que não devolveu ao Tesouro Nacional. Os fatos se impõem. O nojo com tanto é desgosto de uma minoria. Aos poucos fica claro ao cidadão interessado o que os simples de coração intuem no chão da vida cotidiana: os mecanismos judiciais atualmente existentes, influídos até a raiz pela complacência perversa para com a criminalidade inerente ao espírito nacional, são incapazes de mudar o país, funcionando como pretextos para rituais midiáticos que servem de circo com que um povo carente de formação cidadã procede à expiação de seu fracasso como verdadeira sociedade.

Ao brasileiro conviria entender que povo bom, por si só, não faz um país, assim como trabalho duro não agrega mais valor numa economia na qual a principal mercadoria passou a ser o conhecimento. A explicação para nossos males não está em nossa falta de moralidade, mas na história da qual esta falta é parte menor. O que nos faz falta não é gente honesta, mas pessoas com interesse,

inteligência e meios para criar mecanismos institucionais visando impedir que a classe política e as oligarquias empresariais sigam, de forma grotesca, saqueando o país. Você duvida? Olhe em sua volta.

FRANCISCO RÜDIGER*

* Professor universitário. Programa de Pós-Graduação da PUCRS e da Ufrgs

10/06/2017 | Correio Vacariense | Geral | 9

Palestra para alunos do IFRS

Na noite de segunda-feira (5), as turmas do Curso Técnico em Logística do Instituto Federal do RS unidade de Vacaria receberam a professora Márcia Lucas de Oliveira, mestre em Administração de empresas pela PUCRS.

Na ocasião, a palestrante compartilhou suas experiências profissionais na área de importação, explorando aspectos oportunos como conceitos de fundamentais de importação, tipos de importação, faturas e conhecimento de transportes, noções cambiais, classificação fiscal e acordos comerciais.

No dia 1º de junho, o reitor do IFRS, Osvaldo Casares Pinto, conversou com os servidores do Campus Vacaria. O tema da conversa foram as perspectivas orçamentárias da instituição para 2017 e os próximos anos.

10/06/2017 | Diário da Manhã | Caderno Saúde | 4

Cuidados especiais no banho fazem a diferença para proteger a pele do bebê

Dermatologista alerta para cuidados com temperatura da água e produtos usados para higiene

Um só grau a mais de aquecimento na água do banho de crianças e lactentes pode fazer muita diferença. Com a pele mais sensível e suave, eles exigem cuidados especiais por parte dos pais na área dermatológica.

- Os banhos devem ser rápidos, com temperatura máxima de 38 graus e sem o uso de absolutamente nada de esponjas e panos. Somente utilizar a quantidade mínima de sabonete diretamente na mão e, estes devem ter pH próximo de 5, por ser o mais compatível com o da pele. Logicamente, priorizar os que não têm perfume - orienta a dermatologista e secretária geral da Sociedade Brasileira de Dermatologia - Secção RS, Ana Paula Manzoni.

Além disso, a lavagem das roupas deve ser feita com sabão de coco ou glicerina, sem amaciante. A médica também recomenda o mesmo cuidado com as toalhas e roupas de cama, que são muitas vezes esquecidas e lavadas juntamente com as roupas dos adultos.

O tema foi uma das atrações do X Congresso de Atualização em Pediatria, que reuniu mais de mil médicos no Centro de Eventos da PUCRS, em Porto Alegre (RS), entre os dias 25 e 27 de maio. O evento foi organizado pela Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul.

10/06/2017 | Jornal das Missões | Geral | 4

Hospital Santo Ângelo tem novo diretor administrativo

Marcelo de Oliveira Borges é o novo diretor administrativo do Hospital Santo Ângelo. O administrador está atuando na instituição desde a última quinta-feira, dia 1º de junho. Borges é natural de Porto Alegre e tem 30 anos de experiência em gestão hospitalar.

Borges é formado em Administração e Ciências Contábeis (PUC/RS) com especializações em Administração Hospitalar (Faculdade

São Camilo – SP) e Saúde Pública (UFRGS). O novo gestor já atuou no Hospital Ivan Goulart de São Borja, Hospital São Vicente de Paulo, de Cruz Alta, e Hospital Maternidade São Domingos, de Uberaba.

Também trabalhou no Hospital Beneficência Portuguesa, de Ribeirão Preto, Hospital Moinhos de Vento, de Porto Alegre, Hospital Nossa Senhora de Fátima, de Flores da Cunha, Hospital Nossa Senhora das Graças, de Canoas, e atuou como consultor pelo país através do Pró-Saúde.

10/06/2017 | **Jornal do Povo** | **Polícia** | 15

Mortes

JOANES DA COSTA, 32 anos, faleceu quinta-feira no Hospital da PUC, em Porto Alegre, vítima de câncer. Ele foi sepultado nesta sexta-feira no Cemitério Jardim da Paz. Deixou a esposa Aline Dorneles da Costa, o filho Pedro, os pais João Oli e Laura Iracilda e irmãs Rosi Daiane e Niqueli. Morava no Bairro Soares, trabalhava nas Fazendas Irapuá e era acadêmico de Administração da Uergs/Cachoeira. (Funerária Madre Teresa)

10/06/2017 | **Zero Hora** | **ZH Fíndi** | 3

Museu da Pucrs

Exposições e shows científicos. Avenida Ipiranga, 6.681. Ingressos a RS 28 (público em geral), R\$ 14 (para jovens até 15 anos, idosos, estudantes e professores de qualquer instituição e diplomados PUCRS) e R\$ 5 (shows científicos). De TERÇAS A SEXTAS, crianças até quatro anos não pagam, e aos SÁBADO; DOMINGOS E FERIADOS, crianças até seis anos também não pagam. De TERÇAS A SEXTAS, das 9h às 17h, e SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS, das 10h às 18h.

10/06/2017 | **Zero Hora** | **Vida** | 10

Violência urbana e trauma

crescente violência urbana e seus impactos emocionais e traumáticos estarão em debate no Congresso Internacional Violência Urbana e Trauma em Países em Desenvolvimento – Pesquisa Básica, Intervenções Clínicas e Saúde Pública, que ocorre na PUCRS em 30 de junho e 1º de julho. O evento terá a presença de especialistas internacionais, como Ulrich Schnyder, da Suíça, Maureen Alwood e Marcelo Korc, dos EUA e Daniel Mosca, da Argentina. Inscrições em pucrs.br/eventos/urbanviolenceandtrauma.

10/06/2017 | **Zero Hora** | **Segurança JÁ** | 27

Trovão Azul, o retrato da falência prisional

COM DÉFICIT DE 11,7 MIL VAGAS para presos no Rio Grande do Sul e escassez de recursos, improviso da Secretaria da Segurança Pública já dura seis meses e depende de abertura de espaço na nova prisão, em Canoas

A falência do sistema carcerário gaúcho é retratada por um ônibus de 1985 e restaurado 31 anos depois para minimizar a escassez de vagas nas cadeias. Desativado desde 2013, o Trovão Azul surgiu para o secretário da Segurança Pública, Cezar Schirmer, em meados de 2016, como alternativa para devolver ao patrulhamento das ruas brigadianos e suas viaturas que ficavam em frente ao Palácio da Polícia com suspeitos presos, mas que não tinham para onde ser levados. O improviso do ônibus-cela já dura seis meses.

Até a reativação do Mercedes Benz azul, escanteado em Uruguiana, na Fronteira Oeste, episódios emblemáticos aconteceram: presos foram algemados em lixeiras (leia na página ao lado), acotovelaram-se detidos em micro-ônibus da BM, destruíram o veículo em protesto pelas más condições na qual estavam detidos e atearam fogo a carceragens provisórias de Delegacia da Polícia Civil na Região Metropolitana. A chegada do ônibus-cela à Capital, independentemente da sua localização, sempre atingiu o já castigado efetivo da BM, que atua com 50% de déficit e salários parcelados no Estado.

– O Trovão Azul é a maior preocupação que tenho no momento – desabafa o secretário Schirmer.

Na manhã de sexta-feira, 39 policiais estavam fora do serviço de patrulhamento na Região Metropolitana, sendo 24 apenas da Capital. Nas Delegacias de Polícia de Pronto Atendimento (DPPAs), 135 presos aguardavam vagas em presídios. No centro de triagem eram 74, o que representa lotação máxima.

No Trovão Azul, havia 39 homens, totalizando 248 presos esperando para entrar no sistema cujo déficit é de 11,7 mil vagas.

– É uma situação necessária para que presos permaneçam efetivamente presos. Mas, lamentavelmente, acabamos retirando policiais das ruas – disse o subcomandante-geral da Brigada Militar, coronel Mario Ikeda.

O atual local que abriga o ônibus-cela não tem acesso pavimentado e, para chegar, algumas viaturas atolam. Lá, há um galpão de alvenaria, onde os PMs se abrigam e guardam os alimentos para presos. Há apenas dois banheiros e um dos policiais. Não há onde tomar banho e PMs reclamam do mau cheiro.

Comandante do policiamento da Capital, coronel Jefferson de Barros Jacques argumenta que se está ruim com o veículo, pior seria sem ele:

– Com o Trovão Azul, consigo deixar menos viaturas paradas – disse, referindo-se ao fato de que o ônibus-cela abriga até 30 suspeitos de crime.

A decisão de inutilizar o veículo foi novamente tomada por Schirmer. Agora, resta definir a data. O secretário chegou a anunciar a aposentadoria do coletivo em 27 de maio, mas voltou atrás no dia seguinte por não ter onde deixar os presos. Depois desse e de outros episódios em que promessas não foram cumpridas, passou a evitar se comprometer com datas.

– Quando depende só de ti, é possível dar prazo. Afinal, você é o único responsável. Mas, nesse caso, envolve Secretaria da Fazenda, de Obras, o que complica um pouco. Mas, vai ser desativado, só estamos buscando alternativas. A decisão está tomada. Não quero mais.

As alternativas são a Penitenciária Estadual de Canoas e a construção de mais um centro de triagem, ambas previstas para 40 dias, e que, juntas, totalizam 246 vagas.

Enfrentar a precariedade com mais precariedade incomoda o professor da PUCRS e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo, que viu por muito anos o Rio Grande do Sul se gabar de ser o único Estado que não tinha presos em delegacias de polícia.

– A falência começa com a quebra desta tradição. E o Trovão Azul é o símbolo disso tudo.

Para o sociólogo, é necessário repensar o modelo penal, “que coloca no mesmo espaço, presos perigosos e violentos com aqueles que oferecem menos risco à sociedade”, além de investir em educação e segurança pública.

Como um ônibus sucateado tornou-se alternativa (Ver imagem)

Centros de triagem ficam na promessa

No mesmo dia em que a Brigada Militar alçou presos a uma lixeira na Capital devido à falta de vagas nas carceragens das delegacias, Schirmer prometeu medidas para estancar ou minimizar o caos carcerário. Em 9 de novembro, anunciou que até o fim da primeira quinzena de dezembro de 2016, concluiria o primeiro centro de triagem para presos. No espaço, a ser construído com monoblocos, poderiam ser abrigados até 96 homens, mas a estrutura não tinha saído da esfera de intenções do secretário até o final de maio, quando a verba foi liberada. A ideia, agora, é entregá-la em 40 dias.

Schirmer, ainda na explanação de novembro passado, garantiu que até maio de 2017, o objetivo era criar, ao total, 554 lugares que

substituíam o uso de viatura da BM e celas de DPs. Embora com menor capacidade e inúmeros adiamentos, um dos cinco espaços citados começou a receber presos em fevereiro desse ano, com dois meses de atraso. A reforma de um imóvel localizado na Rua Dr. Salvador França, aos fundos do Instituto Psiquiátrico Forense, foi feita, mas sua capacidade não é plena. Das 554 vagas prometidas, apenas 74 funcionam. Veja o que diz o secretário sobre cada promessa:

MONOBLOCOS (96 vagas) Previsão – 30 dias a partir da assinatura da ordem de serviço O que diz Schirmer: “Faltou dinheiro, mas há duas semanas foram liberados R\$ 2,8 milhões para a construção. O local não está definido, mas vai ser em Porto Alegre. Não posso me comprometer com datas, mas a expectativa é entregar em 40 dias”.

CONTÊINERES NA CAPITAL (96 vagas) Previsão – 60 dias a partir da assinatura da ordem de serviço O que diz Schirmer: “Sofri pressão de todos os lados. Desisti momentaneamente. Se for preciso, vamos usar contêineres”.

CENTRO DE TRIAGEM NA ZONA LESTE I (96 vagas) Previsão – Começou a receber presos em 20 de fevereiro, mas opera parcialmente com 74 vagas. O que diz Schirmer: “Precisamos fazer uma modificação no projeto por medida de segurança e isso tomou espaço de algumas celas”.

CENTRO DE TRIAGEM NA ZONA LESTE II (120 vagas) Previsão – 180 dias a partir da assinatura da ordem de serviço O que diz Schirmer: “Tivemos trabalhado com a possibilidade de o Exército fazer essa obra, mas as negociações não evoluíram por questão de custo e por ser uma obra que se iniciou com outra finalidade”.

CENTRO DE TRIAGEM EM CHARQUEADAS (146 vagas) Previsão – 180 dias a partir da assinatura da ordem de serviço O que diz Schirmer: “Essa não andou por falta de dinheiro”.

Canoas é parte da solução

Quarenta dias. Esse é o prazo dado pelo secretário Schirmer para que 150 presos passem a utilizar a Penitenciária de Canoas, tratada como alternativa para desativação do Trovão Azul. O obstáculo a ser superado, agora, é o acesso ao pátio, considerado inadequado à passagem de veículos como caminhões e ambulâncias, mas que será finalizado com uso de brita. Para o secretário, as vagas são suficientes, no cenário atual, para desativar o ônibus-cela, mas, não para desafogar o sistema carcerário. O pleno funcionamento, com 2,8 mil presos, não tem data para acontecer.

– Acertamos com a prefeitura as melhorias no acesso. Depois, vamos começar a operar gradativamente, afinal, nem teríamos condições financeiras de mantê-la neste momento – disse Schirmer, informando que o custo mensal será de R\$ 9 milhões quando todas as vagas estiverem preenchidas.

O projeto da casa prisional foi lançado no governo Yeda Crusius (PSDB), executado na gestão de Tarso Genro (PT) e sua ocupação começou durante o mandato de José Ivo Sartori (PMDB). Anunciada em 2010 como a solução para a desativação do caótico Presídio Central, a prisão canoense ainda é vista com bons olhos pelo Ministério Público:

– O Estado tem déficit de 11,7 mil vagas. Historicamente, a construção de presídios não acompanhou o crescimento da massa carcerária. Ao mesmo tempo, como não há políticas eficientes para recuperação, 70% dos liberados retornam à prisão. Então, as cadeias esgotaram a capacidade de recolhimento. A ocupação integral de Canoas será positiva se a nova lógica implantada for mantida lá – avalia o procurador de Justiça Gilmar Bortolotto.

NA PENITENCIÁRIA, REINCIDÊNCIA EM QUEDA

Na unidade que já funciona, sem facções e em condições vistas como adequadas pelo MP, o retorno de presos caiu de 70% do Central para 18%, o que indica acerto na condução. – A amenização do déficit prisional depende de geração de vagas e programas de reinserção que diminuam a reincidência. O problema tem solução, mas passa por mudanças radicais na política carcerária. Sem isso, não produziremos a segurança desejada – conclui.

10/06/2017 | Correio do Povo | Taline Oppitz | 4

Apartes II

A realização de cursos de graduação e técnicos a distância na área da saúde encontra forte resistência no Estado. Em audiência pública promovida pelo deputado Valdeci de Oliveira, em Porto Alegre, dirigentes de mais de 10 conselhos e entidades estaduais do setor foram unânimes nas críticas. Eles afirmaram que a formação será precarizada em função das especificidades do ensino na saúde. Valdeci, em conjunto com os conselhos e profissionais da saúde, irá preparar um projeto sobre o tema. Hoje são quase 300 mil vagas abertas por EAD na área da saúde em todo o país.

Segmento: Outras Universidades

10/06/2017 | Jornal do Povo | JP 2 | 5

Programe-se

SÁBADO

17º Top of Mind, na Sociedade Rio Branco, às 20h, com jantar. Realização Jornal do Povo e Ulbra/Cachoeira.

10/06/2017 | Jornal do Povo | Geral | 13

O sábado é para os tops

NO TOPO DA MENTE 60 empresas e personalidades mais lembradas em Cachoeira do Sul serão premiadas em solenidade na Sociedade Rio Branco

A noite deste sábado será de conhecer as empresas e personalidades que estão no topo da mente dos cachoeirenses. Em solenidade na Sociedade Rio Branco (SRB), que iniciará pontualmente às 20h, serão anunciados e premiados com troféus os vencedores da pesquisa Top of Mind 2017 em 60 categorias. Para chegar ao resultado, acadêmicos do curso de Administração da Ulbra/Cachoeira – supervisionados por professores – entrevistaram 840 moradores do município em 33 pontos das zonas urbana e rural.

A orientação era para que o participante dissesse o primeiro nome que lhe viesse à cabeça a cada segmento informado pelo entrevistador. A resposta tinha de ser dada em no máximo cinco segundos. Se o tempo fosse extrapolado, o campo era anulado, significando que o entrevistado não tinha referência para tal categoria. “O Top of Mind é um reconhecimento a marcas que estão consolidadas, o que é motivo de comemoração, por isto os agraciados mobilizaram familiares, amigos e colaboradores para estarem com eles na premiação”, destaca a diretora de relações com a comunidade do Jornal do Povo, Helena Vieira da Cunha, que coordena o evento.

460 CONVITES

Helena ressalta que a Sociedade Rio Branco (SRB) estará lotada na noite de aplaudir os mais lembrados. Foram comercializados em torno de 460 convites para o evento. A venda de ingressos encerrou na manhã desta sexta-feira. A cerimônia de premiação do Top of Mind iniciará com jantar, seguindo com a entrega dos troféus e balada. O troféu foi criado e executado pela empresa Premiar, de Porto Alegre. Em tons de marrom e dourado, os troféus foram confeccionados em madeira e medem cerca de 25 centímetros de altura cada.

10/06/2017 | Jornal VS | Geral | 6

Vestibular da Unisinos e da EST no fim de semana

São Leopoldo - As provas do Vestibular de Inverno Unisinos 2017 ocorrem, amanhã, nos campi São Leopoldo, Porto Alegre e nos

poios de Educação a Distância (EaD). Esse será o primeiro vestibular realizado na Uni-sinos Porto Alegre após a ampliação do câmpus, que foi inaugurado em março deste ano. Os candidatos às vagas de cursos a distância, assim como aqueles com 25 anos ou mais na data do vestibular, fazem apenas a prova de redação. Para os demais, a seleção inclui, além da prova de redação, 50 questões objetivas. Os vestibulandos para graduação presencial vão encarar duas provas. Das 9h30 às 11h30 terá a prova de redação com dois temas propostos. Das 14 às 18 horas ocorre a provas objetiva. São 50 questões, que compreendem as áreas de Língua Portuguesa; Ciências Humanas e Cultura Geral; Ciências Exatas; Ciências da Natureza e Língua Estrangeira (inglês ou espanhol). Já os candidatos aos cursos de Teologia, Musicoterapia e Música da Faculdades EST terão provas hoje. O vestibular ocorre às 9 horas, na sede da instituição, no Morro do Espelho.